

**Relatório Final de Estágio da Prática de Ensino
Supervisionada:**

**Desporto Escolar: Qual a Motivação dos Alunos do Distrito
do Porto Para a Prática da Modalidade de Atletismo?**

Dissertação realizada no âmbito do 2º
Ano de Mestrado do Curso de Ensino da
Educação Física nos Ensinos Básico e
Secundário, ao abrigo dos Decreto-Lei
nº74/2006 de 24 de Março e Decreto-Lei
nº43/2007 de 22 de Fevereiro.

Orientador: Doutor Nuno Teixeira

Realizador por: Ariana Martins Dias

Maia, Julho de 2014

Dias, A. (2014). *Desporto Escolar: Qual a motivação dos alunos do distrito do Porto para a prática da modalidade de atletismo?* (Mestrado), ISMAI, Maia, Porto, Portugal.

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada do Curso de 2º Ciclo em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, policopiado apresentado ao Instituto Universitário da Maia.

Palavras-chave: DESPORTO ESCOLAR, MOTIVAÇÃO, ATLETISMO.

DEDICATÓRIA

Dedico este Mestrado aos meus pais, Adília e Carlos Dias, à minha irmã, Inês Dias, aos meus avós Maria Lúcia e Guilhermino Martins pelo incentivo e apoio em todas as minhas escolhas e decisões.

A vitória de mais esta conquista dedico com todo o meu amor, unicamente a vocês!

AGRADECIMENTOS

A vida é constituída por etapas, mas sem o conhecimento, o carinho e apoio de um conjunto de pessoas, este trabalho não se teria tornado realidade. As palavras que a seguir cito são uma pequena amostra do agradecimento e gratidão que tenho por todas elas.

Aos Prof. Doutor Nuno Teixeira, meu supervisor e Prof. Francisco Silva, meu professor cooperante, por tudo aquilo que ensinaram, pelo conhecimento, pela ajuda e por toda a pronta disponibilidade que sempre demonstraram;

À Prof^a. Doutora Júlia Castro, pela ajuda prestada na realização dos questionários bem como no tratamento de dados e pela colaboração e apoio nesta fase do curso tão exigente;

Ao Instituto Universitário da Maia, que me forneceu os conhecimentos básicos para a minha formação como Docente de Educação Física;

Aos Profs. Pompeu Castro e Joaquim Sá pelo incentivo, apoio incondicional e transmissores de conhecimentos básicos à minha formação como docente, não esquecendo que foram os grandes impulsionadores de eu estar nesta área, sendo por isso dois grandes ídolos para mim;

Aos alunos do Desporto Escolar, pela disponibilidade na elaboração dos inquéritos;

Aos meus colegas David Cavadas e Ricardo Alves por partilharmos toda esta etapa em conjunto e por sermos aquilo que nos tornamos;

Ao Grupo de Educação Física, funcionários e restantes professores da Escola Secundária Augusto Gomes, por toda a amizade, simpatia, respeito, integração, disponibilidade e conhecimentos prestados;

Aos meus pais e avós, sem a motivação e ajuda deles eu hoje não estaria aqui, por serem o meu suporte emocional para que conseguisse atingir as metas que sempre ambicionei, pelos valores inculcados, para que me estimulassem a lutar por aquilo que ambiciono, e nunca desistir ao primeiro contra tempo, obrigado por tudo;

À minha irmã, Inês, pelo incentivo e ajuda que sempre me prestou;

Ao meu namorado, André, obrigado pelo carinho, compreensão e apoio que sempre demonstrou nesta etapa e sobretudo pela ajuda dada quando mais precisava.

O mais sincero obrigado

ÍNDICE

RELATÓRIO CRÍTICO

INTRODUÇÃO	15
1 Organização e Gestão do Processo de Ensino-Aprendizagem.....	16
1.1 Conceção.....	16
1.2 Planeamento	18
1.3 Realização.....	19
1.4 Avaliação	23
2 Participação na Escola.....	24
2.1. Direção de turma, desporto escolar e projetos	24
2.2. Plano de atividades	27
2.2.1. Unidades Didáticas.....	27
3 Relação com a Comunidade	28
3.1. Grupo de Estágio.....	29
3.2. Grupo de Educação Física	30
3.3. Corpo Docente não Docente	30
3.4. Auxiliares da Ação Educativa	31
3.5. Alunos	31
4 Desenvolvimento Profissional	33
CONCLUSÕES	34

RELATÓRIO CIENTÍFICO

RESUMO

ABSTRACT

RESUMÉ

INTRODUÇÃO	9
1 Motivação para a prática do desporto escolar	14
1.1 Motivos para a prática do desporto escolar	16
2 Material e métodos	16
3 Caracterização.....	17
4 Procedimentos Estatísticos	17
5 Procedimento Metodológicos	18
6 Apresentação e Discussão de resultados	18
CONCLUSÕES	24
REFERÊNCIAS.....	26

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Equipa de Voleibol Feminina ESAG.....	26
Figura 2 – Equipa de Voleibol Masculina ESAG	26
Figura 3 – Equipa de Futsal Feminina ESAG.....	26
Figura 4 – Equipa de Atletismo Masculina ESAG	26
Figura 5 – Núcleo de Estágio do ISMAI 2013/2014 ESAG.....	30
Figura 6 - Equipa Não Docente, Docente e Assessores da ESAG	31
Figura 7 – Turma 12ºB (1º Período).....	33
Figura 8 – Turma 12ºE (2º Período).....	33
Figura 9 – Turma 10ºF (3º Período).....	33
Figura 10 – Turma 11ºL (Anual).....	33

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Idade das praticantes	19
Tabela 2 - Ano de Escolaridade das praticantes	19
Tabela 3 - Alunas praticantes de desporto federado	20
Tabela 4 - Duração dos treinos do desporto federado	20
Tabela 5 - Alunas praticantes de atividade física diária	21
Tabela 6 - Duração da prática de atividade física	21
Tabela 7 - Itens mais valorizados.....	22
Tabela 8 - Itens menos valorizados.....	22
Tabela 9 - Itens mais valorizados.....	23
Tabela 10 - Itens menos valorizados.....	23

RELATÓRIO CRÍTICO

INTRODUÇÃO

O Estágio Pedagógico é a parte terminal da formação inicial do Professor, no entanto, acaba por ser uma nova etapa da vida e da formação, visto que será o começo de um processo que se irá prolongar por toda a vida profissional do docente. No âmbito dos requisitos obrigatórios para a conclusão do Mestrado em Ciências da Educação Física e Desporto – Especialidade em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, do Instituto Universitário da Maia, foi elaborado o presente relatório, que permitiu analisar as diferentes experiências vivenciadas ao longo do presente ano letivo.

Concluído o primeiro ano do Mestrado, eis que se chega à última e mais importante etapa de todas, não só pela percentagem que representa na nota final do curso, mas também pelo contacto com a realidade escolar e o convívio direto com os alunos durante um período relativamente extenso, onde se porá em prática tudo aquilo que se aprende nas diferentes áreas da Educação.

Esta prática de docência efetuada ao longo do ano letivo 2013/2014, juntamente com as atividades de dinamização e de integração na escola, irão proporcionar uma experiência que servirá de base para o futuro profissional.

Este documento permitirá também fazer uma auto reflexão acerca do trabalho desenvolvido, nomeadamente sobre o desempenho em todas as atividades, na lecionação das aulas (progressões e estratégias pedagógicas, erros cometidos que servirão como base para futuras correções) e sobre a evolução ao longo do ano letivo, no papel de Professores Estagiários.

Assim, este relatório torna-se numa compilação de toda a experiência vivida ao longo deste ano letivo. Deste modo, realizou-se uma retrospectiva sobre as atividades desenvolvidas no decurso do ano letivo 2013/2014, descrevendo e refletindo os factos mais relevantes vivenciados na Escola Secundária Augusto Gomes.

1 ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Após um intenso e árduo trabalho desenvolvido pelo grupo de Educação Física/Núcleo de Estágio, ao longo do ano letivo 2013/2014, foi possível realizar este relatório.

A forte presença e colaboração do orientador foi uma constante, promotora de uma dinamização de aquisição de competências no âmbito da lecionação, pois como já havia sido referido, as suas intervenções precisas e concisas, permitiram uma organização curricular deveras interessante.

Ao nível da supervisão, o acompanhamento foi notório, sendo utilizada uma *pen*, tendo sido permanentemente atualizada e corrigida de acordo com as recomendações. As reuniões semanais aumentaram na duração temporal, considerando as tarefas a desenvolver, nomeadamente a nível do artigo científico individual.

Foi sem dúvida um longo e trabalhoso ano, mas de novo saliento a disponibilidade do orientador e do supervisor neste processo ensino/aprendizagem, que permitiram ao longo deste ano letivo, o desenvolvimento de competências essenciais à minha docência, aumentando o meu equilíbrio emocional e profissional que se traduziu nas aulas lecionadas e na cada vez mais rápida superação de falhas ocorridas.

1.1 Conceção

Conceber o ensino é um processo complexo que afere ao docente cuidados e responsabilidades acrescidas, “O professor só pode ensinar quando está disposto a aprender” (Janoi Mamedes, 2010)

Este processo implica uma análise compreensão e interpretação de todos os requisitos necessários a uma prática equilibrada que coloca o aluno no centro de todo este processo. Os alunos são a chave de todo o ensino e a sua necessária formação justifica cada uma das decisões tomadas, “O aluno de hoje será o professor de amanhã” (citado pela autora do trabalho).

Deu-se o início da minha função como docente da disciplina de Educação Física que, conseqüentemente trouxe, um enorme volume de trabalho que iria desde a análise à realização de documentos fundamentais para uma concepção do ensino adequada ao contexto turma e escola, tornando desta forma o processo de ensino mais adequado e eficaz.

Em conjunto com os restantes elementos do Núcleo de Estágio procedeu-se a uma análise do meio envolvente onde se iria lecionar, o nível social, cultural e afetivo dos alunos, fatores importantes para o desempenho e obtenção de respetivos resultados. Reconhecendo o ato educativo como um processo social e a escola como organização modeladora capaz de promover mudanças elaborou-se um documento denominado por “Caraterização da Escola” e realizou-se uma caracterização das turmas. Estes documentos mostraram-se fundamentais para uma adequação do programa à realidade com a qual nos deparamos. A “Caraterização da Escola” reunia as características mais relevantes da mesma, segundo o ponto de vista de um professor com uma necessidade de integração no meio escolar. Esta análise proporcionou a nossa integração no meio escolar facilitando uma compreensão e noção da realidade com que nos deparávamos.

Uma segunda fase passou pela análise e interpretação de inquéritos fornecidos aos alunos (Ficha de Caracterização Individual) que permitiu a recolha de dados fundamentais para conhecermos um pouco melhor os alunos que iriam percorrer esta etapa do nosso lado. Foram abordadas questões relacionadas com vivências escolares, familiares, hábitos desportivos, alimentares, passado académico, entre outros.

A aquisição de um conhecimento profundo da realidade social e escolar destes alunos permitiu ter em conta, nas etapas de concepção e planificação os objetivos pedagógicos de ensino que se assentam nos domínios psicomotor, sócio afetivo e cognitivo. Procurou-se, em relação ao domínio sócio afetivo, adaptar exercícios de modo a promover um espírito de grupo, coesão e cooperação mutua entre os alunos. Promover uma atitude de respeito e compreensão promovendo um bom desenvolvimento e ambiente da aula, e conseqüente obtenção dos resultados esperados.

Relativamente ao domínio cognitivo, associou-se a teoria à prática, com a transmissão de conhecimentos ao longo do decorrer das aulas, promovendo aprendizagens essenciais à disciplina. Este domínio foi avaliado através da realização de testes escritos e trabalhos a cerca das modalidades abordadas nas aulas.

Em relação ao domínio psicomotor, teve-se sempre em atenção o nível dos alunos na execução dos exercícios inseridos nas diferentes modalidades. Deste modo permitiu uma adaptação dos diferentes exercícios tendo sempre em consideração as necessidades específicas dos alunos.

1.2 Planeamento

Esta área tem como objetivo construir um plano de intervenção, que seja delimitado por objetivos pedagógicos e que salvaguarde os saberes específicos do ensino da educação física e encaminhe de forma eficaz o desenvolvimento educativo e formativo do aluno.

Primeiramente, o grupo de estágio realizou um levantamento de todo o material existente e as suas condições, ou seja, um inventário de todo o material desportivo que estava disponível para a prática da Educação Física.

De seguida, interpretou-se os planos curriculares e os programas de Educação Física, nomeadamente no que concerne à aquisição de competências por parte dos alunos e de forma a adequar e aplicar as finalidades, os objetivos, os conteúdos e as indicações metodológicas.

O plano anual foi definido no início do ano letivo, numa reunião com a presença de todos os professores em que ficou decidido quais as atividades a realizar e a sua data. No entanto, devido à situação precária do pavilhão gimnodesportivo, a planificação anual ficou sujeita a alterações de datas, espaços e houve atividades que ficaram impossibilitadas de serem realizadas.

Para a realização do planeamento, o Núcleo de Estágio, elaborou uma ficha de caracterização individual que foi entregue a cada aluno das nossas turmas para preencher na aula de apresentação, que serviu para ficar com uma ideia mais estruturada acerca dos alunos. Após o preenchimento das mesmas,

e através dos dados obtidos, foi realizada uma caracterização de cada turma, através de uma análise descritiva, de forma a poder-se verificar quais as preferências e dificuldades dos alunos, assim como as experiências desportivas que estes possuem, possíveis doenças ou problemas de saúde, etc. Esta caracterização poderá ser útil para cada um de nós, visto que através dela é possível perceber quais poderão ser os motivos para determinadas atitudes, e assim possibilitar uma maior proximidade com os alunos, contribuindo para uma relação positiva entre professor-aluno.

1.3 Realização

O conceito de “bom professor” não resulta apenas de uma boa transmissão de conhecimentos e não depende apenas dos alunos de uma turma. O “bom professor” é uma ação educativa, um ato pedagógico, que se preocupa com o processo e resultados obtidos pelos alunos, “Não basta apenas ser professor, é preciso ser mestre na arte de ensinar”.

Para este ato pedagógico se dar de forma plena e atingir o estatuto de “bom professor” foi importante uma reflexão exaustiva que tinha lugar aula após aula ao longo de todo o ano letivo. Esta reflexão teve presente como autores de discussão, o núcleo de estágio e respetivo orientador, que de forma educativa e construtiva criticavam e analisavam as aulas que lecionava. Assim permitiu uma compreensão e reflexão sobre os conteúdos transmitidos, ações e decisões tomadas durante as aulas descobrindo fraquezas e mudanças a realizar durante o processo de ensino.

Estes elementos permitiram a minha evolução ao nível do desempenho como professora e conseqüentemente uma melhor abordagem das temáticas tendo em vista a eficácia e do processo de ensino e respetivos resultados dos alunos.

É de realçar o importante papel de Orientador neste processo de evolução e construção do “EU” como “Professor”. Sem nunca estabelecer limites, não impondo regras, e dando espaço para uma aprendizagem e experiência através da prática e observação do erro permitiu que fosse traçado um caminho

autónomo e com responsabilidade. Abraçamos esta oportunidade de errar e aprender refletindo, como sendo essencial para uma compreensão de todo um processo de ensino e das dificuldades que advêm do mesmo. Aprendeu-se a justificar as estratégias utilizadas, os exercícios escolhidos, opções tomadas e a assumir o erro, considerando isso como uma tarefa importante para uma autonomia e para um futuro como docente.

Outro aspeto que se considera importante para a evolução de um processo de ensino, a observação das aulas dos meus colegas de estágio e por vezes de colegas mais experientes do grupo de Educação Física. Este confronto com diferentes abordagens das práticas desportivas, metodologias e estratégias deram a possibilidade de progredir e me reajustar contribuindo para uma melhoria do meu processo de ensino-aprendizagem.

No que diz respeito à relação com os alunos, inicial, tentou-se criar um laço de proximidade com estes evitando posturas rígidas e com frieza. Assim, ganhou-se a confiança e amizade dos mesmos e conseqüente respeito e controlo.

Analisando as turmas lecionadas ao longo dos três períodos pode-se afirmar que se trata de um grupo de alunos com as suas peculiaridades mas ao mesmo tempo, na sua generalidade, cumpridores, respeitadores, acessíveis e competitivos. Apesar de por vezes se verificar um comportamento inadequado por parte de alguns alunos, na sua generalidade são um grupo fácil de controlar. Com base nos padrões de comportamento observados nas diferentes turmas optou-se por diferentes estratégias e abordagens das diversas temáticas de maneira a que a aula decorresse sempre com um clima favorável. Determinou-se de acordo com as especificidades de cada turma e cada elemento pertencente à mesma, normas e regras de funcionamento da aula a cumprir, e progressões dentro das modalidades que se adequassem aos mesmos. Assim conseguiu-se adequar a ação educativa às suas necessidades.

No que diz respeito ao controlo da turma, inicialmente, teve-se a preocupação de ter sempre a turma no meu campo de visão, de maneira a ter um controlo de todos os acontecimentos decorrentes da aula. Por vezes, principalmente no 1º Período devido a um temperamento mais passivo da turma,

foi necessária uma reformulação quase que sistemática das estratégias a aplicar, de maneira a que os objetivos da aula fossem atingidos.

Ao longo da lecionação das aulas, o controlo da turma foi por vezes um problema, mas que foi sempre ultrapassado ao longo das aulas. Através de uma proximidade e cumplicidade criada com as turmas posso dizer que as aulas decorreram sempre da melhor forma e mantendo sempre níveis elevados de motivação para a prática dos exercícios propostos.

Ultrapassado o primeiro obstáculo de controlo da turma, voltou-se a atenção para os tempos de aula, tempo destinada à realização dos exercícios. Numa tentativa de rentabilizar melhor o tempo disponível para a aula de Educação Física foram criadas estratégias que me permitiram uma maior rentabilização do tempo. Estas estratégias passaram pela reorganização da estrutura da aula, transição de exercícios e progressão dos mesmos mantendo sempre um ritmo elevado e crescente ao longo da aula. As modalidades que apresentavam os maiores obstáculos em relação a este tema seriam a Dança pela sua complexidade e o Atletismo pela sua variedade de vertentes.

Apesar de uma tentada coerência entre as Unidades Didáticas dentro do Núcleo de Estágio e de turma para turma nem sempre foi possível sendo que estas variaram dentro do Núcleo de Estágio devido a uma diferenciação dos espaços em que desenvolvíamos a prática desportiva.

Foi verificada, desde o início das aulas, a presença de alguns alunos que, por dificuldades físicas ou por doença, não poderiam praticar atividade física. Na tentativa de envolver estes alunos nas atividades desenvolvidas na aula foi decidido, pelo grupo de Educação Física, a obrigatoriedade de realizar um relatório descritivo da aula bem como realizar algumas atividades de auxílio do professor.

Ao longo do ano letivo nos diferentes períodos, tentou-se sempre aproveitar o que de bom havia sido realizado anteriormente, dando continuidade aos aspetos positivos da prática e tentando sempre melhorar aspetos considerados menos positivos.

Uma das maiores preocupações foi o manter da motivação e o empenho dos alunos ao longo das aulas. Para isso, verificou-se que teria de existir uma

convergência entre aquilo que estava a transmitir e a forma como iria ser abordado. Desta forma tentou-se, ao longo do ano, promover a execução de exercícios de cariz competitivo, tentando corrigir estratégias que se efetuou inicialmente e que não tinham tido o maior sucesso na sua realização.

No capítulo da realização considerou-se ter tido um grande desenvolvimento das capacidades. O fato de se ter estreitado bastante as relações com os alunos que constituíam as turmas, houve um sentimento de cada vez mais integração permitindo desta forma, conseguir estabelecer outros níveis de motivação nos alunos. Contudo, esta relação de “amizade” para além de propiciar momentos de boa disposição e de brincadeira, poderia também motivar comportamentos de relaxamento por parte dos alunos. Não se poderia ter desejado turmas melhores, para o desenvolvimento do trabalho profissional, tendo esta sido o grande impulsionador do desenvolvimento neste ano tão importante e marcante no início da carreira profissional.

À medida que o tempo passava, foram sendo alteradas as estratégias, seguindo os conselhos do Professor Francisco Silva (Orientador). Realizou-se a transmissão de conteúdos quase sempre sob formas jogadas, onde os alunos para além da preocupação com os aspetos técnicos, tivessem em conta, também, os táticos do jogo, ao invés da utilização de situações analíticas para exercitação dos conteúdos.

A diferenciação entre os alunos foi sempre tida em conta, tanto por questões motivacionais, e também para que os alunos não se sentissem prejudicados na sua evolução, implementando estratégias que promovessem trabalho por níveis.

O reconhecimento obtido pela aplicação de novos métodos foi gratificante, tal como igualmente gratificante foi verificar que a aula correu na perfeição e que os objetivos propostos foram cumpridos na íntegra, assim como os níveis de motivação dos alunos estarem catapultados para níveis elevados.

Para toda esta melhoria, enquanto docentes, a presença e correções do professor orientador continuaram a ser um elemento de vital importância, apesar de ter verificado que estes deixaram de existir com tanta frequência com o decorrer do tempo, provavelmente pelo aprender com os erros anteriores.

Também, o importante contributo dos elementos que constituem o núcleo de estágio, com os seus pareceres e sugestões em relação às falhas, propiciou este salto qualitativo e crescimento enquanto docente.

1.4 Avaliação

A avaliação do processo ensino-aprendizagem reveste-se de grande importância no desenvolvimento de toda a ação educativa, na medida em que, permite verificar se os objetivos foram alcançados ou não pelos alunos. A avaliação dos alunos foi dividida em três partes: avaliação diagnóstica, como já foi referido, realizada antes da abordagem a qualquer unidade didática, com o intuito de verificar em que nível de aprendizagem se encontrava cada aluno. Avaliação formativa, que resultou da observação e reflexão realizada ao longo das Unidades Didáticas. Esta avaliação distingue-se dos outros dois momentos, uma vez que é uma avaliação contínua e a avaliação sumativa, realizada na última aula de cada unidade didática com o intuito de verificar se os objetivos foram alcançados ou não, e avaliar a evolução dos alunos.

Como meios auxiliares de avaliação, elaboraram-se alguns instrumentos, como as grelhas construídas para o efeito. Para além destas tarefas, no final de cada período cada aluno teve de realizar um teste escrito, elaborado pelo Núcleo de Estágio, e um trabalho sobre a modalidade abordada nas aulas. Uma vez que a disciplina de Educação Física se encontrava numa situação limitada relativamente às aulas, em concordância com o Orientador decidimos realizar mais estes dois pontos de avaliação como forma de ajudar os alunos a possuírem mais elementos de avaliação.

Além disso, no final de cada período foi realizada uma autoavaliação pelos alunos. Após as propostas de classificação dos alunos e a observação de todos os parâmetros traçados pelo Núcleo de Estágio para a atribuição da nota a cada aluno no final do período, foi atribuída uma nota final individual.

2 PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA

Esta área tem como objetivo contribuir para o reforço do papel do professor de Educação Física na Escola, dando importância a esta disciplina de forma contextualizada, responsável e inovadora. No sentido de cumprir esse objetivo, é necessário promover uma série de atividades extracurriculares, inseridas no plano educativo do departamento curricular e do núcleo de estágio. A área de envolvimento com a Comunidade direciona-se para as relações que serão efetuadas com o meio envolvente. Anseio, sinceramente que a escola seja um lugar onde me sinta bem e integrada, onde na qual eu tenha vontade de estar, uma vez que é um local onde vou se passa grande parte deste ano escolar. Tentarei também desenvolver atividades que sejam úteis e proveitosas para toda a comunidade escolar.

Em relação aos professores, foram estabelecidas relações positivas não só de trabalho mas como também de amizade.

Com os colegas do núcleo de estágio e com o Orientador pode-se sempre contar com coesão, apoio mútuo, vontade de trabalho, respeito e amizade.

Relativamente aos alunos foi estabelecida uma relação de amizade, mas primeiro, delimitaram-se as posições, sendo bastante autoritária na fase inicial, para gradualmente poder conduzir a turma de forma mais democrática e produtiva dando-lhes um papel ativo, participativo, responsabilizando-os nas atividades das aulas e da escola.

2.1. Direção de turma, desporto escolar e projetos

A escola é um sistema que integra vários e diferentes órgãos em torno dos quais se desenvolvem atividades que servem de ponto de ligação entre os mesmos, fornecendo momentos de integração e comunicação.

De forma a promover uma integração na escola, o Professor Orientador Francisco Silva, proporcionou-nos a realização e participação em atividades pertencentes à mesma, nomeadamente a direção de turma e o enquadramento em equipas do desporto escolar.

Com a colaboração dos meus colegas de Estágio e outros professores de educação física foi possível uma dinamização de atividades no contexto escolar. Atividades estas, que foram sendo desenvolvidas ao longo de todo um ano letivo, sob a responsabilidade do Núcleo de Estágio, contaram sempre com o apoio de diversas pessoas, pertencentes ou não ao Grupo de Educação Física. Apesar de serem atividades de contexto desportivo ofereceram sempre um meio de integração na comunidade escolar sendo consideradas como um importante instrumento de dinamização da escola. Proporcionaram também, aos estudantes, professores e funcionários, novas experiências, desenvolvendo o gosto pela atividade física e futura participação em atividades do mesmo gênero.

Numa procura de uma maior interação dos alunos com a escola e na tentativa de deixar a nossa marca como agentes dinamizadores pertencentes a um Núcleo de Estágio realizaram-se as seguintes atividades:

- Corta-Mato
- Torneio de Voleibol Gonçalves Zarco Feminino (2º Classificado) e Masculino (1º Classificado)
- Torneio Inter escolas com os seguintes resultados:
 - Voleibol Feminino (1º Classificado) e Masculino (4º Classificado) (Fig. 1 e 2);
 - Futsal Feminino (1º Classificado) (Fig. 3) e Masculino (2º Classificado);
 - Atletismo Feminino e Masculino (1º Classificado Coletivo) (Fig.4);
 - Basquetebol Feminino e Masculino (3º Classificados);
 - Badminton Feminino (5º Classificado) e Masculino (4º Classificado);
 - Andebol Feminino (6º Classificado) e Masculino (6º Classificado).
- Torneio de Futebol de 5 Prof Francisco Silva, organizado pela Associações de Estudantes, Pais, Direção da escola e Núcleo de Estágio do ISMAI.

O desenvolver de todas estas atividades trouxe uma carga de trabalho considerável, bem como uma dedicação a nível pessoal, mas o qual nos fez beneficiar de um crescimento das relações inter pessoais a nível não apenas do Núcleo de Estágio e Grupo de Educação Física, mas também com os demais professores, alunos e assistentes operacionais, promovendo assim uma excelente integração da minha parte na escola.



Figura 1 – Equipa de Voleibol Feminina ESAG



Figura 2 – Equipa de Voleibol Masculina ESAG



Figura 3 – Equipa de Futsal Feminina ESAG



Figura 4 – Equipa de Atletismo Masculina ESAG

É ainda de salientar uma atividade levada a cabo pela Associação de País (APESAG) conjuntamente com o núcleo de Estágio do Instituto Universitário da Maia, denominado por Torneio Prof. Francisco Silva. Neste, consistia que participássemos na organização de jogos lúdicos e tradicionais para a comunidade educativa e encarregados de educação, bem como na arbitragem das finais dos jogos de futebol.

Esta atividade teve um enorme empato no núcleo, uma vez que era em homenagem ao Prof. Francisco Silva por todo o trabalho prestado à escola durante inúmeros anos, tendo por isso, sido gratificante poder-se estar ligado a este evento.

2.2. Plano de atividades

O Planeamento é uma das tarefas fundamentais da atividade do Professor, pois contém as diferentes variáveis que permitem controlar e, de alguma forma, prever o processo de ensino/aprendizagem.

O plano anual foi elaborado e analisado pelo Núcleo de Estágio, tendo como base a caracterização da escola e da turma, o programa da disciplina, para perceber em que nível das competências específicas (o conhecimento, ação e atitudes) os alunos se encontravam, além dos documentos do departamento de Educação Física e Desporto Escolar (plano de rotação de instalações, distribuição das matérias de ensino para os diferentes anos de escolaridade, calendarização das atividades da escola).

Após o planeamento anual, o grupo de estágio efetuou o momento seguinte da planificação, a organização das Unidades Didáticas e seus respetivos planos de aula.

2.2.1. Unidades Didáticas

“As unidades temáticas constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos, etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem”. (Bento, 1987)

O planeamento das Unidades Didáticas é uma etapa fundamental e imprescindível para uma adequada e correta consecução do processo ensino/aprendizagem. Este planeamento foi efetuado com base no nível inicial dos alunos, determinado através de uma avaliação diagnóstica em todas as modalidades, tendo também em atenção o número de aulas previstas, o espaço e material disponível.

O planeamento das Unidades Didáticas, teve como base, o Modelo de Estrutura e Conhecimento proposto por Vickers.

3 RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

No que diz respeito ao Orientador de Estágio, o Professor Francisco Silva foi sem dúvida um apoio imprescindível nesta etapa da vida. Manifestando-se sempre como um amigo e pronto a ajudar. No final de cada aula, tinha um comentário sempre pronto, o que era bastante benéfico pois promovia uma fiel evolução como docente e proporcionava-nos uma aberta observação dos erros de uma forma muitas vezes não observável por pessoas com pouca experiência.

Desde o início do ano que o professor Francisco disse deveríamos trabalhar em grupo, com o espírito de entreatajuda por todos nós.

Devido aos seus anos de carreira (experiência) e a todo o seu conhecimento, não havia nada que fizéssemos sem o consultar previamente. No professor Francisco vimos um apoio que nos ajudava a ir na direção certa, não dizendo especificamente o que tínhamos de fazer mas que nos fazia chegar ao que ele queria dizer.

Do professor Francisco contávamos sempre com boa disposição e gargalhadas, ouvíamos alguns poemas da sua autoria, ou até mesmo algumas músicas cantadas pelo próprio, a suavidade das suas palavras e a leveza da sua escrita fazia com que evoluíssemos de forma progressiva.

Foram várias as situações ao longo do ano em que promovemos a cumplicidade e o convívio entre o grupo que é o mais importante. O carinho, o afeto, as palavras, os sorrisos.

Relativamente à lecionação da disciplina, o nosso estimado orientador sempre disse que o importante era ver os alunos com um sorriso na cara e satisfação no decurso das aulas, e foi o que sempre procuramos atingir. E sem dúvida nenhuma que este pedagogo sabia do que falava, porque para além de proporcionar essa alegria aos alunos, esse sentimento repercutia em nós pelo gratificante que era ao saber que possibilitamos aulas nessas condições.

Ao professor “Chico”, ficamos-lhe eternamente gratos pela quantidade de carinho e “apadrinhamento” que sempre sentimos nas suas mãos, é como se de um pai na escola se tratasse.

Alarcão e Tavares (1987) definem supervisão como um “processo em que um professor, em princípio, mais experiente e mais informado, orienta um outro professor no seu desenvolvimento humano e profissional”, “uma atuação de monitorização sistemática da prática pedagógica, sobretudo através de procedimentos de reflexão e de experimentação” (Vieira, 1993).

Tido conhecimento do responsável pela supervisão do estágio e reconhecendo-o como tendo um papel fulcral tanto como interveniente e elo entre a ESAG e ISMAI, como pelo papel de orientador da vertente científica referente à formação, o Professor Doutor Nuno Teixeira, desde o momento datado pelo início do ano letivo, acompanhou-nos manifestando em todo o processo de estágio disponibilidade e vontade para ajudar no que fosse necessário. Sendo um ano de introdução de uma vertente científica e sua aplicação, teve um papel fundamental no desenvolver do trabalho científico característico do último ano de Mestrado e final de Estágio. Apesar de, com alguma dificuldade, superamos todos os problemas e adversidades que advêm deste tipo de projeto e trabalho, esforçando-me para a realização com brio e primor do mesmo. O supervisor teve assim um papel essencial para uma realização plena, e de qualidade do trabalho científico. Marcou significativamente o percurso de Professores Estagiários, contribuindo de forma ativa para a construção do “eu” como docente, “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina” (Coralina, 2007)

Todas as suas propostas e conselhos foram determinantes para a visão com que encaramos a vida e a profissão que abraçamos.

3.1. Grupo de Estágio

Este ano de Estágio foi marcado pela presença de duas pessoas muito importantes na vida e percurso de qualquer jovem Estagiário. O grupo de Estágio em que estivemos inseridos foi sem dúvida um dos fatores mais influenciadores e importantes deste último ano de Mestrado. Os Professores Estagiários David Cavadas e Ricardo Alves que me acompanharam, caminhando sempre lado a

lado comigo, como colegas de núcleo, em todo este percurso. Partilhamos experiências, dificuldades, estratégias, opiniões, capacidades e problemas.

Posso dizer que tenho orgulho da relação e laços que foram sendo criados ao longo de todo este ano. Soubemos sempre respeitar a opinião uns dos outros e procuramos sempre em conjunto soluções para as adversidades que iam surgindo e ocorrendo, sendo por isso o lema deste Núcleo de estágio “Somos células do mesmo corpo” (Francisco Silva, 2013).



Figura 5 – Núcleo de Estágio do ISMAI 2013/2014 ESAG

3.2. Grupo de Educação Física

O grupo de Educação Física, composto por um grupo de excelentes profissionais, acolheu de braços abertos, sem qualquer tipo de entrave ou discriminação, demonstrando sempre uma enorme disponibilidade para apoiar e ajudar em qualquer situação os estagiários inseridos na escola. Creio que a atitude do próprio núcleo foi também solidária e participativa no desenvolvimento das atividades e mesmo em tempo de lazer.

Foi um ano cheio de emoções, afetividades e relações apertadas entre todo o grupo de educação física. As atividades, reuniões, entre outras atividades, decorreram dentro dos parâmetros normais.

Resta assim, agradecer todo o apoio, compreensão e momentos partilhados que foram proporcionados.

3.3. Corpo Docente não Docente

Considerando que a Escola Augusto Gomes se encontra em fase de Reconstrução e Modernização dos seus edifícios, a comunidade escolar sofreu algumas consequências a nível de relações entre os docentes. Os contatos

afetivos com professores que lecionam as outras áreas curriculares tornaram-se escassos à exceção dos Diretores das Turmas.

Ao nível do corpo não docente, a simpatia e cooperação foi ao longo do presente ano letivo foi uma constante no quotidiano, pois sem a cooperação, o apoio e a ajuda não seria possível a nossa integração na comunidade escolar.



Figura 6 - Equipa Não Docente, Docente e Assessores da ESAG no torneio interescolas de Voleibol

3.4. Auxiliares da Ação Educativa

Todos os auxiliares da ação educativa, com quem nos cruzamos na escola, foram extramente prestáveis e disponíveis, sempre prontos e com vontade de ajudar. Os dois funcionários do pavilhão gimnodesportivo com quem contactávamos todos os dias, a D. Margarida e o Sr. Augusto, não existem palavras para demonstrar o apreço que tiveram por nós. Desde o primeiro dia, na contagem do material até agora, foram pessoas impecáveis em tudo o que lhes foi por nós solicitado. A D.Branca e a D.Tina foram extremamente pacientes no nosso acesso às fotocópias, abrindo-nos a porta, onde se encontrava a impressora, todos os dias e várias vezes ao dia.

São pessoas amáveis e excelentes profissionais, e estou certa que, sem eles, o ano de estágio iria ser mais complicado e com menos alegria.

3.5. Alunos

A relação, que o professor estabelece com os seus alunos é fundamental no processo de ensino/aprendizagem.

Relativamente às expectativas iniciais que tínhamos face aos alunos pode-se afirmar que, alguns corresponderam a essas mesmas expectativas. Assim pudemos constatar que existem alunos muito diferentes, no entanto, com

todos eles procuramos estabelecer uma relação com base no respeito e confiança mútua, sem nunca esquecer o papel fundamental de cada um (professor/aluno) no processo educativo.

No início do ano tivemos a necessidade de ser um pouco diretivos e rigorosos no que diz respeito às regras de comportamento, isso claro, com o objetivo de controlar a turma. À medida que o tempo passou, mudamos um pouco a forma de estar, pois da mesma forma que conhecemos melhor os alunos, também eles nos ficaram a conhecer melhor, e repararam que podiam “juntar o útil ao agradável”, ou seja, poderiam aliar a aprendizagem ao divertimento, mas isto, claro, sem infringir os padrões normais de comportamento. A nível pessoal, no 1º período comecei a trabalhar com a turma do 12ºB (Figura 7). Foi uma batalha desgastante, com os seus momentos bons e menos bons. Era uma turma coesa e com alunos bastantes passivos na sua forma de estar. Com o tempo, persistência e com o acerto nas estratégias adotados para a lecionação das aulas, o comportamento da turma nas aulas de Educação Física, teve melhorias significativas, embora nem sempre constantes. É com as dificuldades que uma pessoa cresce, e considero que este desafio foi um motor importante para minha aprendizagem como docente.

No 2º período fiquei com a turma do 12ºE (Figura 8), esta turma era bastante organizada, madura e empenhada, tendo sido especialmente motivador trabalhar com ela. No 3º Período fiquei com o 10ºF (Figura 9), uma turma com muito poucos hábitos de trabalho e com faltas de postura no que concerne à maneira de estar na sala de aula, no entanto com o passar das aulas as posturas disruptivas e comportamentos inadequados à aula foram-se dissipando tornando-se assim a olhos visto “Adultos em Miniatura).

É de salientar a existência de uma turma de Curso Profissional, 11º L (Figura 10), que foi acompanhada pelos três Estagiários mais o Professor Cooperante. Esta turma apresentava no seu geral, a meu ver, um défice no que concerne ao desempenho motor e coordenativo, no entanto estas dificuldades foram ultrapassadas conforme a confiança entre os estagiários e os alunos se ia acentuando.

É com enorme satisfação que reconheço, no fim do ano letivo, ter uma ótima relação com a maioria dos alunos; os feedbacks que recebi das aulas que lecionei também contribuíram para o sucesso dessa relação. Lecionar, representou uma experiência muito gratificante durante o ano letivo. Foi significativo aperceber-me da necessidade de respeitar os princípios da individualidade, conjugando com os diferentes ritmos de aprendizagem existentes em cada aluno.



Figura 7 – Turma 12ºB (1º Período)



Figura 8 – Turma 12ºE (2º Período)



Figura 9 – Turma 10ºF (3º Período)



Figura 10 – Turma 11ºL (Anual)

4 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Um dos objetivos da realização do Projeto Individual de Trabalho é a contribuição para uma maior organização e estruturação do trabalho pessoal e profissional que será realizado no âmbito do Estágio, ajudando também conhecer as principais dificuldades nas diferentes áreas de desempenho de competências, para que possamos aperfeiçoar e enriquecer toda a atividade de um modo consciente e reflexivo. Pretende-se assim preencher algumas lacunas a nível curricular que possuímos em algumas modalidades. A escola teve assim,

um papel de grande importância pois, contribuiu para o desenvolvimento das competências profissionais.

No final deste ano letivo, desejamos ver confirmada a evolução em vários aspetos, a nível da consciencialização do sentido de responsabilidade enquanto educadores dos alunos que acompanhamos e na capacidade de crítica e autocrítica, tanto através das atividades que futuramente possamos desenvolver como também, principalmente, pela reflexão sobre as mesmas, pois apenas o exercício da atividade apoiado na experiência, na investigação e na reflexão permitirão um desenvolvimento profissional diversificado.

Anseia-se também que a visão da Educação Física na escola tenha outro impacto, tentando-se que tanto os alunos, como os professores das outras áreas e mesmo os pais, consigam perceber qual a sua verdadeira importância a todos os níveis, pretende-se assim contribuir para uma nova visão desta disciplina.

CONCLUSÕES

Sem dúvida nenhuma que este ano foi o culminar de toda uma vida académica. O estágio pedagógico é um passo fundamental para quem, nesta área, quer seguir a docência pois é fazendo que se aprende.

Finalizada esta etapa da formação e efetuando-se uma análise sobre tudo o que nela se passou, considera-se o balanço final bastante positivo apesar do muito trabalho desenvolvido e de algumas falhas devidas, essencialmente, à falta de experiência de condições para a prática.

A elaboração deste projeto visou refletir sobre o percurso realizado desde a chegada à ESAG, para a realização do Estágio, referindo também as expectativas iniciais e abordando as quatro Áreas de Desempenho. O estágio é um passo em frente na formação, esta que nos torna mais autónomos e responsáveis e que estará longe de terminar.

Este documento consiste principalmente num plano de intenções para este Ano Letivo, podendo, obviamente, sofrer alterações, se assim se justificar.

Para que este percurso corra da melhor forma, o “Ensinar” será, sobretudo, compreender as motivações dos alunos, saber tirar partido das circunstâncias e proporcionar momentos de crescimento.

O Estágio Pedagógico irá auxiliar na aquisição do máximo de competências, através de um trabalho contínuo e progressivo, de modo a que, no final, consigamos ser bons profissionais na área da Educação Física e Desporto.

Espera-se conseguir ultrapassar todas as barreiras que possam surgir, ao longo deste ano letivo, para que acabemos o estágio com a certeza de que nos sentimos mais capazes de exercer este cargo com profissionalismo.

RELATÓRIO CIENTÍFICO

RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo cujo objetivo é conhecer e analisar as diversas percepções que as atletas do desporto escolar da modalidade de atletismo têm como sendo a fonte de motivação para a prática da mesma. Este trabalho foi realizado com o intuito de compreender a relevância e preponderância concedida à disciplina de educação física.

Neste estudo participaram 261 praticantes do sexo feminino, sendo que a amostra é caracterizada por 86 alunas com a idade de 16 anos, o que corresponde a 33% da população inquirida e que pelo menos 80 inquiridas têm idade análoga a 14 anos, 30,7%.

O primeiro instrumento utilizado foi um questionário, com 30 questões, com uma escala de Likert de 5 pontos (sendo 1 discordo plenamente e 5 concordo plenamente).

Perante os dados obtidos, registou-se que as inquiridas consideram que as questões de maior relevância que justificam a prática da modalidade de atletismo foram: “Tenho interesse e vontade de praticar”, “Assim os meus pais deixam/apoiam a prática” e “Tenho gosto pelo Desporto”. Para o tratamento dos dados utilizou-se o IBM SPSS Statistics 21 para o Microsoft Windows.

Ao longo deste trabalho, foi procurado sintetizar de forma clara as questões mais valorizadas pelas alunas sem nunca excluir as menos cotadas pelos mesmos.

À guisa de conclusão, no final do estudo confrontamo-nos com algumas questões que as inquiridas esclareceram não ter muita influência no que concerne à motivação para a prática de atletismo no desporto escolar, sendo elas: “Tenho condições Financeiras”, “Tenho relação com Desporto Federado” e “Quero mudar a minha “imagem” (ficar magro, mais musculado)”.

ABSTRACT

This paper presents a study aiming to understand and analyse the different perceptions that athletes of school sports in the modality of athletics have as a source of motivation for their action. This study was conducted in order to understand the relevance and dominance given to the discipline of physical education.

In this study participated 261 females, which sample is characterized by 86 students at the age of 16 years, which corresponds to 33 % of the surveyed population and at least 80 respondents have similar age to 14 years, 30.7 %.

The first instrument used was a questionnaire with 30 questions with a Likert scale of 5 points (1 being strongly disagree and 5 strongly agree).

Given the data obtained was recorded that the participants consider that the most important issues that justify the sport of athletics were: "I have an interest and willingness to practice ", "So my parents let / support the practical " and " I like the Sport". For data processing we used the IBM SPSS Statistics 21 for Microsoft Windows.

Throughout this study, we sought to summarize clearly the most valued questions by the students without ever deleting the least quoted by them.

In conclusion, at the end of the study we are faced with some issues that the participants explained not to have much influence regarding the motivation for practicing athletics in school sports , which were: "I have financial conditions", " I have relationship with Federated Sports " and "I want to change my "image" (become lean, more muscular).

RESUMÉ

Cet article présente une étude visant à comprendre et à analyser les différentes perceptions que les athlètes de l'athlétisme mode sports de l'école ont aussi une source de motivation pour leur action. Cette étude a été menée afin de comprendre la pertinence et de la domination donnée à la discipline de l'éducation physique.

Dans cette étude, 261 femmes pratiquantes ont participé et l'échantillon est caractérisé par 86 élèves à l'âge de 16 ans, ce qui correspond à 33 % de la population enquêtée et au moins 80 répondants ont le même âge à 14 ans, 30,7 %.

Le premier instrument est un questionnaire de 30 questions avec une échelle de Likert de cinq points (1 étant fortement en désaccord et 5 fortement d'accord).

Compte tenu des données obtenues a été enregistré que les répondants considèrent que les questions les plus importantes qui justifient l'athlétisme ont été: "J'ai un intérêt et une volonté de pratiquer ", " Mes parents louer / en charge la pratique " et " J'aime le sport. " Pour le traitement des données, Nous avons utilisé le IBM SPSS Statistics 21 pour Microsoft Windows.

Tout au long de cette étude, nous avons cherché à résumer clairement la plus appréciée par les élèves des questions sans jamais supprimer la moins citée par eux.

En conclusion, à la fin de l'étude, nous sommes confrontés à certaines questions que les répondants n'ont pas expliqué beaucoup d'influence en ce qui concerne la motivation pour la pratique de l'athlétisme dans les sports scolaires, qui étaient : "J'ai conditions financières ", "J'ai relation avec Federated Sports" et "je veux changer mon " image" (devenir maigre, plus musclé)".

INTRODUÇÃO

O estudo efetuado é de natureza descritiva e exploratória e desenvolveu-se através de duas etapas. A primeira constitui numa pesquisa bibliográfica e respetiva revisão de literatura, para caracterizar o Desporto Escolar (DE), na modalidade de Atletismo, a nível do distrito do Porto. Na segunda etapa, foi realizada uma pesquisa de campo envolvendo alunos praticantes do DE na modalidade de atletismo, através da aplicação de questionários, para levantamento de informações relativas à motivação para a prática de atletismo no DE.

Sabe-se que atualmente “a procura da prática desportiva cresce, em quantidade, em diversidade e em durabilidade, na razão direta da sua presença nos regimes de escolaridade, seja pela criação de hábitos desportivos, seja pela aquisição de técnicas de uso desportivo do corpo” (Constantino, 1992 citado por Branco, 1994), Para além disso, e de acordo com Marivoet (1996), os hábitos desportivos acompanham o nível de escolaridade e o início da prática desportiva varia notoriamente com a pertinência na instituição escolar.

O DE, como atividade de complemento curricular voluntária, tem vindo a registar, ao longo dos tempos, um incremento ao nível do número de escolas com clubes de DE, um aumento do número de alunos praticantes nessas mesmas atividades, envolvendo no desporto/atividade uma elevada percentagem de pessoas da comunidade escolar (alunos/praticantes, professores responsáveis, juízes/árbitros e funcionários).

Enquadrado na legislação do Ministério da Educação e da Ciência de Portugal, o DE, é o conjunto de práticas de atividades desportivas desenvolvidas como complemento curricular e ocupacional de tempos livres, integradas no plano escolar e coordenadas pelo sistema educativo.

Numa perspetiva histórica, o DE esteve quase sempre presente nas escolas portuguesas desde as primeiras décadas do século XX, todavia a sua estrutura apenas foi consolidada nos anos 90, Para além dos benefícios relacionados com a prática de desporto, o DE tem vindo a ser reconhecido como

tendo uma influência positiva no percurso escolar dos alunos que o praticam (Silva, 2006).

Segundo Belbenoit (1974), o desporto só será um instrumento de educação, se integrar um projeto de conjunto, associando estreitamente todas as disciplinas,

A Declaração Universal dos Direitos das Crianças (1959), menciona que toda a criança tem o direito de beneficiar de uma educação que contribua para a sua cultura geral. Por outro lado, na Carta dos Direitos dos Jovens ao Desporto (1977), é apelado o direito de praticar desporto como crianças, sendo dominante o direito de sentir prazer na sua prática.

O DE, essencialmente equilibrador, estruturante, motivador e socializante, para atingir os seus objetivos, deve ser realizado estruturalmente na educação (Feio, 1981). Lembremos a este propósito, que já em 1931, Coubertin, acerca do DE, esclareceu o seguinte: “Seria um erro, o Desporto Escolar e o Desporto não escolar não possuírem os mesmos responsáveis, nem o mesmo espírito, não devendo por conseguinte ter a mesma organização” (Coubertin, 1931 citado por Marreiros, 2006, pág, 23).

Em 1975, Mateiev enaltecia que a Educação Física e o DE eram, por princípio, de extrema importância, pois criavam de igual modo hábitos fundamentais essenciais que perdurariam por toda uma vida. É neste contexto que, de acordo com Bento (1981), urge entender a Educação Física e o DE como realidades diferentes, motivações diferentes, finalidades próprias, embora concomitantes. Para este mesmo autor, o DE, sendo uma atividade complementar de aprendizagem de uma unidade de ensino inscrita na Educação Física, deve procurar a interdisciplinaridade com outras atividades complementares, cuja motivação, conteúdo e finalidade derivam, quase exclusivamente, do meio social.

Nas Normas Orientadoras para Educação Física e Desporto Escolar (NOEFDE), aprovadas por despacho de 5 de fevereiro de 1979, pelo então Secretário de Estado dos Ensinos Básico e Secundário, as atividades de aplicação da disciplina de Educação Física, em que todas as escolas

participavam, era obrigatório tanto para alunos como para professores (circular L/T/EES nº94/79 – IS/EF, de 19 de Dezembro de 1979).

A Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº46/86 de 14 de Outubro), no seu ponto 5 do artº 48º, quando se refere ao Desporto Escolar, menciona o seguinte:

O Desporto Escolar visa especificamente a promoção da saúde e condição física, a aquisição de hábitos e condutas motoras e o entendimento do desporto como fator de cultura, estimulando sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade, devendo ser fomentada a sua gestão pelos estudantes praticantes, salvaguardando-se a orientação por profissionais qualificados.

O Decreto-Lei nº 95/91, de 26 de Fevereiro, define e organiza o quadro geral da Educação Física e Desporto Escolar, no seu artº 5º define Desporto Escolar da seguinte forma:

1- Entende-se por Desporto Escolar o conjunto de práticas lúdico-desportivas e formação como objeto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo.

2- De acordo com os objetivos referidos no número anterior, o Desporto Escolar desenvolve as suas atividades nas escolas do 2º e 3º ciclos do ensino básico e nas escolas do ensino secundário.

3- Nas escolas do 1º ciclo do ensino básico são desenvolvidas atividades lúdicas de iniciação desportiva integradas no âmbito dos programas de Educação Física da respetiva área curricular ou articuladas com estes. (Decreto-Lei nº95/91 de 26 de Fevereiro, citado em Marreiros, 2006, pág,32)

Por sua vez, Pires (1991), refere que o Desporto Escolar ao ser um instrumento da política educativa e social, deve dar oportunidade a todos os jovens em idade escolar, desde que nele queiram participar. Também para este autor (1991), o Desporto Escolar não é um favor que faz, mas sim um direito que em Portugal começou a ser conquistado. Por outro lado, Pires (1991), menciona, que o Desporto Escolar não é das federações desportivas, nem da disciplina de Educação Física, nem de qualquer direção geral, gabinete ou partido. O

Desporto Escolar é de todos, das escolas, dos pais, professores e, fundamentalmente, de todos os alunos que, livremente, adiram praticar.

Segundo Barros (1983), o DE deve desenvolver uma aproximação entre toda a juventude escolar com a conseqüente melhoria no setor físico-pedagógico. Já para outro autor, Coutinho (1984), integrar o desporto na escola a todos os níveis, é preparar o desenvolvimento. Por outro lado, Marreiros (2006), quando se refere à situação do DE, menciona o seguinte:

Não somos mal intencionados, nem néscios, nem invejosos, nem dizemos que o que se vem fazendo no Desporto Escolar não é nada, mas pensamos que o que se tem feito não é efetivamente o Desporto Escolar, tal como o concebemos e definimos, isto é, uma prática educativa e cultural, indispensável ao desenvolvimento integral e harmonioso de todos os jovens. (Mota, 1984, citado por Marreiros, 2006, pág,15)

Carvalho (1987) menciona que o DE é um tema pouco abordado sendo estranho aos olhos do mundo, encerrando em si muitas das contradições quer do próprio sistema de ensino, quer do sistema desportivo. Este autor menciona ainda, que o DE foi sempre entre a sociedade um conceito mal definido. Segundo o autor Carneiro (1997), este defende que os sistemas educativos formais e não formais são, organizações vocacionadas para a criação e disseminação de saberes numa sociedade que, com o recomeço de um novo ciclo escolar.

Gonçalves (1991), aponta um fator bastante curioso, na formação da juventude, a qual está em causa acima de tudo, a perspetiva de um indivíduo adulto consciente da sua função social e do seu papel individual. Deste modo, DE visa assim, o desenvolvimento das capacidades físicas e morais, contribuindo decisivamente e da responsabilidade participativa. Ainda para este mesmo autor, Gonçalves (1991), o Desporto Escolar deverá constituir um lugar de encontro entre a escola e a comunidade, através do desporto federado, na perspetiva do prolongamento do ato educativo.

Para Sobral (1991), o tema das relações entre o Desporto Escolar e o Desporto Federado, é geralmente abordado segundo dois estados de espírito antagónicos, um de conflito e outro de coexistência entre dois sistemas.

O problema em que se deve enquadrar, o Desporto Escolar passa pela nova escola, pela definição de responsabilidades, e pela implicação de todos os seus atores numa estratégia do seu próprio desenvolvimento não sendo a escola mais uma “concha fechada”, devendo preservar a tradição das regras democráticas, devendo inserir-se no meio e por via disso nas sociedades (Chagas, 1991).

O Conselho Nacional das Associações de Profissionais de Educação Física (Cadima, 1991), atribui ao Desporto Escolar uma importância fundamental, como atividade educativa de extensão e de complemento da Educação Física, ampliando os seus efeitos educativos aos jovens em idade escolar. É segundo este pensamento que, Ferreira (1991), se refere aos professores de Educação Física, que ministravam o Desporto Escolar, menciona que a estes caberia um papel determinante na consecução dos objetivos do mesmo.

Para Bento (1991), é de ordem ideológica a separação entre a Educação Física e o Desporto Escolar, sobre tudo porque a matéria de ensino e aprendizagem, de exercitação e recreação é comum. No entanto, Mota (1997), ao abordar as questões que se prendem com o Desporto Escolar, diz que é um processo eminentemente educativo e pedagógico, sendo por isso uma questão do sistema educativo e não do sistema desportivo, ainda que possa e deva estabelecer com este relações conducentes a uma cooperação e colaboração não só desejáveis, como também necessárias.

Sabe-se que o desporto passou a ser uma prioridade no âmbito da política educativa (Lima, 1996), anunciada para o ano letivo de 1996/97, com a criação do Gabinete Coordenador do Desporto Escolar, órgão com funções de planeamento, dinamização e coordenação das atividades desportivas nos ensinos básico e secundário. Brito (1997), menciona que a participação no Desporto Escolar de alunos federados é a subversão do processo pedagógico, para numa lógica de rendimento, a escola exclui os menos dotados, devendo esta reforçar o papel no processo de formação desportiva. Este mesmo autor afirma ainda que como o desporto não faz parte da nossa cultura, nota-se deficiência a nível do Desporto Escolar, ao qual nem sempre tem sido bem

entendido como viveiro de campeões, devendo ser exclusivamente para a iniciação e orientação desportiva, sendo o desporto excelência para os clubes. Ainda para este autor (Brito, 1997), só haverá Desporto Escolar nas escolas, se houver Educação Física, tendo o professor desta disciplina, de ser qualificado.

Soares (1997), considera os professores de Educação Física como os principais agentes com maiores responsabilidades na gestão e desenvolvimento do Desporto Escolar, contudo não têm acesso às verbas destinadas para este subsistema do sistema educativo. Ainda para este autor, o Desporto Escolar é parte integrante da Educação Física e toda a sua organização é realizada a partir desta disciplina, sendo o resultado da articulação e continuidade que deve existir entre uma e outra. No entanto, esta dependência é bastante questionável, pois o Desporto Escolar desenvolve-se no quadro do princípio de livre escolha enquanto a disciplina curricular é de carácter obrigatório.

Em suma, há que refletir acerca da problemática global da escola, onde a escola deverá ser em si um palco de intervenções para um olhar mais aberto no que concerne à temática do Desporto Escolar como parte integrante do Sistema Educativo.

1 Motivação para a prática do desporto escolar

A motivação é um termo empregue frequentemente no contexto desportivo e educacional. Por vezes, recorrendo a este conceito os agentes desportivos e os professores encontram a forma mais fácil de justificar resultados, comportamentos e estratégias utilizadas. Assiduamente ouvimos treinadores e professores afirmarem que os seus atletas, ou os seus alunos, não se encontram motivados. Os próprios atletas e os alunos, por vezes, justificam comportamentos menos apropriados ou uma falta de empenho devido a índices reduzidos de motivação. No presente é um dos conceitos mais estudados na psicologia (Alves, Brito e Serpa, 1996).

Apesar da sua vasta utilização, a motivação é um conceito complexo, e que não é totalmente compreendido pelas pessoas pouco identificadas com o

assunto. Como tal, pensamos que é importante apresentar uma definição consensual sobre esta matéria.

Segundo Singer (1984, in Cruz, 1996), a motivação é responsável pela seleção e preferência por uma atividade, pela persistência nessa atividade, pela intensidade e vigor (esforço) do rendimento e pelo carácter adequado do rendimento relativamente a determinados padrões.

Halliwell (1981, in Cruz, 1996) defendeu que o estudo da motivação no desporto deve ter como principais linhas orientadoras as seguintes dimensões: direção ("porque é que os atletas escolhem certos desportos para participarem?"); intensidade ("porque é que certos atletas se esforçam mais ou jogam com maior intensidade que outros?"); e persistência ("porque é que certos atletas continuam a prática desportiva e outros abandonam?").

Um caso paradigmático, e que demonstra algum desconhecimento sobre o assunto, acontece com alguma assiduidade no universo desportivo. Muitos professores de Educação Física e treinadores acreditam que a motivação é inata, ou seja, que está dependente da genética de cada um. Se um aluno ou atleta é visto como fraco em termos motivacionais, os professores ou treinadores não acreditam que isso possa ser alterado. Como consequência desistem desse estudante ou atleta. Mas, a motivação não é inata, é um atributo que pode ser aprendido e desenvolvido pelas pessoas (Roberts, 1993). Se esses professores ou treinadores tivessem uma noção correta sobre esta matéria, com certeza que desenvolveriam ações e escolheriam estratégias de forma a elevar os índices motivacionais dos seus alunos ou atletas.

Fernandes (1986) define este conceito como o conjunto dos mecanismos internos e dos estímulos externos que ativam e orientam o nosso comportamento.

Fraisse (1984) denomina a componente motivacional como campo de forças, interagindo entre o indivíduo e o objeto, que Sprinthall e Sprinthall (1993) consideram como cruciais no sucesso académico.

1.1 Motivos para a prática do desporto escolar

Biddle (1997) argumenta que o conhecimento das razões que os jovens apresentam para serem fisicamente ativos no desporto é um ponto de partida importante para a compreensão da motivação.

Como tal, iremos proceder à apresentação das conclusões de diversos estudos que realizaram a análise dos motivos invocados pelos atletas, de uma determinada modalidade desportiva, como fundamentais para terem iniciado a sua prática.

Segundo Cruz (1996) a primeira análise extensiva sobre motivação foi realizada por Sapp e Haubenstricker (1978) onde um dos principais aspetos apontados estavam ligados à preocupação com a saúde/aptidão física.

Frey, McClements e Sefton (1981, in Cruz, 1996) verificaram, junto de jovens que os aspetos mais importantes eram: esperavam divertir-se muito com o jogo, desejavam tornar-se bons praticantes, desejavam fazer novas amizades, ambicionavam conquistar troféus e esperavam fazer exercício físico e viajar.

Gould, Feltz, Weiss e Petlichkoff (1982) referiram que os mais importantes foram: o divertimento, a forma física, a saúde física, a melhoria de competências, a "atmosfera" da equipa e o desafio. Por outro lado, os que tiveram menos influência na sua participação foram: agradar aos pais ou aos melhores amigos, acalmar a tensão, ser popular e viajar.

2 Material e métodos

O material utilizado foi um questionário aplicado a alunas praticantes de Atletismo no Desporto Escolar, adaptado ao QMAD (Serpas e Frias,1991), devidamente validado.

Os dados do DE apresentados, são relativos ao distrital (corta-mato e pista ao ar livre) do ano letivo 2013/2014, referentes a Escolas Básicas e Secundárias, do setor público e privado, do distrito do Porto.

3 Caracterização

A amostra foi constituída por 261 alunos do sexo feminino praticantes de atletismo no DE, com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos, que frequentam o Ensino Básico e Secundário.

Foram aplicados questionários a alunos praticantes de DE, dos escalões de iniciados a juvenis, de 36 escolas, sendo as mesmas as seguintes que se cita: ES Custóias, ES Diogo Macedo, Escola D, Pedro IV, EB 2,3 Gomes Teixeira, EB 2,3 Lavra, ES Gondomar, ES Maia, ES Fontes Pereira Melo, EB 2,3 Valongo, ES Trofa, ES Rio Tinto, ES Águas Santas, ES/B Filipa de Vilhena, ES Boa Nova, ES Augusto Gomes, ES Soares dos Reis, EB 2,3 Soares dos Reis, EB 2,3 Vilar de Andorinho, Colégio Paulo VI, Externato Ribadouro, ES Castelo da Maia, ES Gueifães, EB 2,3 Maia, EB 2,3 Trofa, EB 2,3 Senhora Hora, EB 2,3 Areosa, ES Alfena, ES Valadares, ES Almeida Garrett, ES Inês de Castro, ES Garcia da Horta, ES D, Dinis, ES Oliveira do Douro, ES Carolina Micaelis, ES Gonçalves Zarco e ES Perafita.

O critério de seleção da amostra foi definido segundo a limitação geográfica que estipulamos para este estudo. Deste modo, foram escolhidas 36 escolas do Ensino Básico e Secundário de carácter publico e privado do distrito do Porto.

4 Procedimentos Estatísticos

O questionário inicia-se com a apresentação do estudo, o tipo de informação que se pretende obter e o seu uso posterior, identificação do entrevistado, como por exemplo: sexo e idade (salientando que permaneceram em anonimato), seguido das instruções e referências destinadas a assegurar a colaboração dos respondentes. Os dados foram tratados e analisados no programa IBM SPSS Statistics 21, utilizando “compare means” e “independent-samples t-test”.

5 Procedimento Metodológicos

Para a realização deste trabalho, foi realizada uma recolha de dados, efetuada através da execução de um questionário, dirigido a alunos praticantes de atletismo no DE, devidamente elaborado tendo em conta os objetivos do estudo e as características da amostra.

Para efetuar a análise quantitativa utilizou-se o questionário “QMAD” adaptado, composto por 30 questões, com uma escala de Likert de 5 pontos (de discordo plenamente a concordo plenamente), baseando-se no facto de estas escalas terem normalmente 4 a 5 opções e também ao ser um número impar, permitindo ao entrevistado ter uma opção intermédia e dessa forma ter a opção de não se comprometer com a sua resposta (Günther, 2003).

Este tipo de escala permite aos inquiridos não só afirmarem se concordam ou não com o item evidenciado, como também referirem o seu grau de concordância ou discordância com o mesmo. Nesse sentido, é atribuído um valor numérico que reflete a sua atitude em relação a essa afirmação.

Quanto à sua aplicação é de referir que foi solicitada a permissão às Escolas envolvidas, junto dos professores responsáveis dos grupos. Após o consentimento obtido, os questionários foram distribuídos aos alunos pelos autores dos mesmos.

6 Apresentação e Discussão de resultados

De modo a manter alguma coerência e fluidez na apresentação dos resultados, inicialmente será apresentada a análise descritiva e posteriormente algumas análises comparativas.

Num total foram aplicados 261 questionários, a alunas praticantes da modalidade de atletismo, no DE, com média de idades de aproximadamente 15 anos (variando entre os 13 e os 17 anos) e com um desvio-padrão 1,15 (Tabela 1 – Idade das praticantes), de 36 escolas do distrito do Porto. As tabelas seguintes (2,3,4,5 e 6), pretendem caraterizar extensivamente os participantes,

de acordo com as variáveis independentes em estudo (sexo, idade, escalão e ano de escolaridade).

Tabela 1 - Idade das praticantes

	Frequência	Percentual (%)	Média	Desvio Padrão
13	30	11,5		
14	80	30,7		
15	50	19,2	14,91	1,15
16	86	33,0		
17	15	5,7		
Total	261	100,0		

Num total de 261 inquiridos do sexo feminino, conclui-se através da análise da tabela 1 (acima), que a amostra é caracterizada por 86 alunas com a idade de 16 anos, o que corresponde a 33% da população inquirida e que pelo menos 80 inquiridas têm idade análoga a 14 anos, 30,7%.

Relativamente ao ano de escolaridade é possível observar na tabela abaixo indicada (Tabela 2), que 135 das inquiridas frequentam o ensino básico e 126 o ensino secundário, correspondendo a 51,7% e 48,3% respetivamente.

Tabela 2 - Ano de Escolaridade das praticantes

	Frequência	Percentual (%)
Básico	135	51,7
Secundário	126	48,3
Total	261	100,0

No que concerne à prática de desporto federado e através da tabela 3, pode-se constatar que 141 das inquiridas pratica desporto federado,

correspondendo a 54%. No entanto, é possível observar que das 261 inquiridas, 120 não praticam desporto federado (46%).

Tabela 3 - Alunas praticantes de desporto federado

	Frequência	Percentual (%)
Sim	141	54,0
Não	120	46,0
Total	261	100,0

Referente ainda ao item anterior (“pratica desporto federado”), na tabela 4 (abaixo indicada), é possível observar que as horas dedicadas ao desporto federado, sendo que as mesmas variam entre as 3 horas (mínimo) e 14 horas (máximo), correspondendo a 3,8% e 1,9% respetivamente, obtendo-se assim uma média de aproximadamente 7 horas e um desvio padrão de 9,98. É de salientar que 50 inquiridas afirmaram que praticam pelo menos 6 horas de treinos dedicados ao desporto federado, correspondendo assim a 19,2%.

Tabela 4 - Duração dos treinos do desporto federado

Horas	Frequência	Percentual (%)	Média	Desvio Padrão
3	10	3,8		
4	15	5,7		
5	15	5,7		
6	50	19,2		
7	10	3,8		
8	5	1,9	7,04	9,98
9	5	1,9		
10	5	1,9		
12	21	8,0		
14	5	1,9		
Total	141	54,0		

Relativamente ao item “Prática de atividade física diária”, é possível observar na tabela abaixo (tabela 5), 205 das 261 inquiridas, correspondente a 21,5%, não pratica qualquer tipo de atividade física diária.

Tabela 5 - Alunas praticantes de atividade física diária

	Frequência	Percentual (%)
Sim	56	21,5
Não	205	78,5
Total	261	100,0

No que concerne à duração da mesma, na tabela 6, abaixo descrita, é possível afirmar que 26 alunas praticam pelo menos duas horas diárias de atividade física, o que corresponde a 10%. No entanto é de salientar a existência de um grupo de 20 inquiridas que afirmam praticar atividade física diária pelo menos 4 horas.

Tabela 6 - Duração da prática de atividade física

	Frequência	Percentual (%)	Média	Desvio Padrão
2	26	10,0		
3	5	1,9		
4	20	7,7	3,48	3,48
5	5	1,9		
8	5	1,9		
Total	61	23,4		

No que diz respeito aos itens mais valorizados pelas inquiridas, na tabela abaixo (tabela 7), as mesmas valorizam mais as seguintes questões: **“Tenho interesse e vontade de praticar” (4.54); “Assim os meus pais deixam/apoiam a prática” (4.46) e “Tenho gosto pelo Desporto” (4.46).**

Tabela 7 - Itens mais valorizados

	Média	Desvio padrão
Tenho interesse e vontade de praticar	4,54	,604
Assim os meus pais deixam/apoiam a prática	4,50	,721
Tenho gosto pelo Desporto	4,46	,796

Os itens menos valorizados pelas praticantes, apesar de atribuído o grau concordo plenamente, foram: **“Tenho condições financeiras” (3,77); “Tenho relação com o desporto federado” (3,60) e “Quero mudar a minha “imagem” (ficar magro, mais musculado)” (3,49)** (tabela 8, abaixo indicada).

Tabela 8 - Itens menos valorizados

	Média	Desvio padrão
Tenho condições Financeiras	3,77	1,137
Tenho relação com Desporto Federado	3,60	1,560
Quero mudar a minha “imagem” (ficar magro, mais musculado)	3,49	1,282

Na tabela abaixo descrita (Tabela 9 – Itens mais valorizados) é possível observar os dados divididos em atletas praticantes de desporto federado e não praticantes. Assim sendo as inquiridas valorizaram mais as seguintes questões:

“Tenho interesse e vontade de praticar” (4,40 e 4,71 respectivamente); “Assim os meus pais deixam/apoiam a prática” (4,53 e 4,46) e “Tenho gosto pelo Desporto” (4,53 e 4,38).

Tabela 9 - Itens mais valorizados

	Desporto Federado	Média	Desvio padrão	T	P
Tenho interesse e vontade de praticar	Sim	4,40	,675	-4.416	0.000
	Não	4,71	,456		
Assim os meus pais deixam/apoiam a prática	Sim	4,53	,780	0.821	0.412
	Não	4,46	,647		
Tenho gosto pelo Desporto	Sim	4,53	,866	1.591	0.113
	Não	4,38	,699		

Dos itens menos valorizados pelas inquiridas (Tabela 10, abaixo indicada) apesar de ser atribuído o grau de “concordo plenamente” por algumas das inquiridas, foram: **“Quero mudar a minha “imagem” (ficar magro, mais musculado)” (3,30 e 3,71 respectivamente); “Tenho relação com o Desporto Federado” (4,35 e 2,71 respectivamente) e “Tenho condições Financeiras” (3,89 e 3,63 respectivamente).**

Tabela 10 - Itens menos valorizados

	Desporto Federado	Média	Desvio padrão	t	P
Quero mudar a minha “imagem” (ficar magro, mais musculado)	Sim	3,30	1,313	-2.607	0.010
	Não	3,71	1,212		
Tenho relação com Desporto Federado	Sim	4,35	1,077	9.690	0.000
	Não	2,71	1,574		
Tenho condições Financeiras	Sim	3,89	,976	1.870	0.063
	Não	3,63	1,290		

Na apreciação dos resultados sobre as diferenças entre os grupos constituídos por atletas federados e não federados, evidenciaram-se diferenças estatisticamente significativas no item “Tenho interesse e vontade de praticar” nos mais valorizados e nos itens “Quero mudar a minha “imagem” (ficar magro, mais musculado) ” e “Tenho relação com o Desporto Federado” nos menos valorizados.

Observando as tabelas acima descritas (Tabelas 9 e 10 – Itens mais e menos valorizados), é possível verificar que existem diferenças ao nível de significância de 5%, constatando assim que as opiniões diferem entre ambos os grupos.

Na primeira questão verifica-se então que entre as atletas federadas e não federadas existe uma diferença de opinião (0,000), do mesmo modo se observa e verifica que nas questões “Assim os meus pais deixam/apoiam a prática” e “Tenho Gosto pelo Desporto” as diferenças entre ambos os grupos não difere estaticamente, o que corresponde a opiniões semelhantes entre os grupos.

No que concerne aos resultados obtidos nos itens menos valorizados, onde se inserem as seguintes questões: “Quero mudar a minha “imagem” (ficar mais magro, mais musculado) ” e “Tenho relação com o desporto federado”, as opiniões entre os grupos (federados e não federados), diferem estatisticamente correspondendo assim a 0,010 e a 0,000 ao nível de significância de 5%.

CONCLUSÕES

Com esta investigação, e mediante a análise dos dados recolhidos, concluiu-se que a diferença de opiniões entre ambos os grupos (atletas federadas e não federadas) é em determinadas questões bastante distintas proporcionando assim diversas respostas ao problema colocado inicialmente, “Que motivação dos jovens do distrito do Porto para a prática da modalidade de atletismo”.

Primeiramente, falando do estudo quantitativo realizado, conclui-se que os participantes federados consideram que os itens mais valorizados para a promoção de motivação à prática de desporto escolar na modalidade de

atletismo são o próprio interesse e a vontade de realizar a modalidade acima supra citada, o facto de o desporto escolar não ter qualquer custo financeiro para os praticantes, os pais acabam por deixar e até mesmo apoiar a prática e por último e não menos importante, o facto de os praticantes gostarem de desporto proporciona a que os mesmos se enquadrem numa equipa do desporto escolar.

Num sentido oposto àquilo que usualmente se observa, em que os alunos praticam desporto como forma de obter melhorias na sua imagem, isto é, na aparência física (ficar magro, musculado, entre outros), os mesmos classificam como sendo um dos itens menos valorizados. Continuamente a este item, segue-se uma das questões que poderá ser um dos motivos da participação dos alunos no desporto escolar, nomeadamente de atletismo, “Tenho relação com o Desporto Federado”, onde se observou que 54% dos alunos do DE, encontra-se a praticar em simultâneo um desporto federado da mesma modalidade, no entanto a percentagem de alunos não praticantes não fica muito aquém dos valores obtidos pelos praticantes de desporto escolar e federado, tendo assim como resultado 46%.

Em suma, a partir da análise dos vários questionários repara-se que entre estes dois grupos, atualmente os interesses que envolvem motivações externas aos alunos estão na base da realização do desporto escolar, no entanto o facto das escolas promoverem mais o desporto escolar como fonte de competitividade para os atletas federados, poderá ser um forte indicio de abandono por parte dos alunos não federados a iniciarem o gosto pelo desporto ou até mesmo atividade física.

REFERÊNCIAS

- Alarcão, I. e. T., J. . (1987). *Supervisão da Prática Pedagógica . Uma Perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- Alves, J., Brito, A. & Serpa, S. (1996). *Psicologia do Desporto. Manual do Treinador* (Vol. Vol. I): Edições Psicosport.
- Bento, J. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, J. (1991). *O Desporto Escolar e as Novas Exigências de Formação de Docentes*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Biddle, S. (1997). Cognitive theories of motivation and the self. In K. R. Fox (Ed.), *The physical self: From motivation to well-being* (pp.59-82): Champaign, IL: human Kinetics.
- Cadima, F. (1991). Comunicação do Conselho Nacional das Associações de Profissionais de Educação Física. *Dossier de Desporto Escolar*, 2-3.
- Carneiro, R. (1997). Made in Portugal - ao falar-se de política de formação, convém acrescentar humana e social. *Revista Visão*.
- Carvalho, A. (1987). *Desporto Escolar*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Coubertin, P. (1931). *Mémoires Olympiques*, Suisse: Bureau International de Pédagogie Sportive.
- Coralina, C. (2007). Pensador. em <http://pensador.uol.com.br/frase/NTYz/>
- Cruz, J. (1996). Motivação para a competição e prática desportiva. In J. Cruz (Ed.), *Manual da psicologia do desporto* (pp. 305-332): Braga.
- Feio, N. (1981). *Educação Física e Desporto Escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Fernandes, U. (1986). Motivação dos jovens para as actividades físicas e desportivas. *Revista Horizonte*, Vol. 2(15).
- Ferreira, F. (1991). O Desporto Escolar em Marcha. *Jornal Record*.
- Fraisse, P. (1984). *A Psicologia Experimental*. Lisboa: Gradiva.
- Gonçalves, C. (1991). Educação Física e Desporto Escolar: Complementariedade e Interdependência. *Dossier de Desporto*. 2, 29.
- Gould, D., Feltz, D., Weiss, M., & Petlichkoff, L. (1982). Participation Motives in Competitive Youth Swimmers. In T. Ortick, J.T. Partington & J. H. Salmela (Eds.), *Mental training for coaches and athletes*. Ottawa: Coaching Association of Canada.
- Günther, H. (2003). *Como Elaborar um Questionário* (Vol. 1). Brasília: Instituto Psicologia da Universidade de Brasília.
- Mamedes, J. (2002). O bom professor. Em <http://miscelaneasintelectuais.blogspot.pt/2012/01/o-professor-so-pode-ensinar-quando-esta.html>
- Mateev, D. (1975). O Movimento Olímpico e o seu Alcance Social *Cultura e Desporto* (Vol. 24). Lisboa: Centro de Documentação e Informação.
- Mota, R. (1984). A Situação Oficial do Desporto Escolar. *Revista de Educacao Fisica e Desporto*, XIII(76), 25.
- Mota, R. (1997). A Situação Oficial do Desporto Escolar. In J. Marreiros (Ed.), *Desporto Escolar: Que realidade?* (Vol. 8, pp. 34). Chamusca: Edições Cosmos.
- Pires, G. (1991). Desporto Escolar: Opções; Estratégias; Futuros. *Dossier de Desporto*. 2, 29-30.

- Roberts, G. (1993). Motivation in Sport: Understanding and Enhancing the Motivation and Achievement of Children In R. Singer, M. Murphey & L. Tennant (Eds.), *Handbook of Research on Sport Psychology* (pp. 405-420). New York: International Society of Sport Psychology.
- Rubem, A. (2001). *A Alegria de Ensinar*. Brasil: Ars Poética, Papyrus.
- Serpa, S. (1991). Motivação para a prática desportiva: Validação preliminar do questionário de motivação para as actividades desportivas (QMAD). In F. Sobral & A. Marques (Eds.), *Desenvolvimento somato-motor e factores de excelência desportiva na população escolar portuguesa* (Vol. 2, pp. 89-97). Lisboa.
- Silva, M. (2006). *O Desporto Escolar em Portugal: A Experiência do Desporto Escolar no Continente e nas Regiões Autónomas da Madeira e Açores*. (Mestrado), FADEUP, Porto.
- Singer, R. (1984). *Handbook of Research on Sport Psychology*. International Society of Sport Psychology.
- Soares, J. (2009). Percepções dos professores do desporto escolar sobre a relação entre o sector escolar e o sector federado da Região Autónoma da Madeira. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 9, 76-82.
- Sobral, F. (1991). Desporto Escolar e Desporto Federado: os traços de diferença. *Dossier de Desporto Escolar*, 2, 30.
- Sprinthall, N., & Sprinthall, R. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Vieira, F. (1993). Observação e Supervisão de Professores. In F. Sequeira (Ed.), *Dimensões da Educação em Língua Estrangeira*. Braga: Universidade do Minho.

ANEXOS

Questionário de Motivação para a prática do Desporto Escolar

Antes de tudo, o nosso muito obrigado pela sua participação. Este estudo serve como requisito parcial de avaliação para o curso de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário do Instituto Universitário da Maia.

Este questionário será aplicado apenas a alunos que se encontrem a frequentar Escolas Secundárias no distrito do Porto. Este advém de uma adaptação do QMAD (Questionário de Motivação Para Atividades Desportivas), sendo anónimo, confidencial e de resposta voluntária. Para posterior análise estatística, pedimos que responda às seguintes questões com o máximo de rigor e sinceridade.

1. Sexo: Masculino Feminino **2. Idade:** _____ (anos)

3. Escola: _____

4. Ano de escolaridade (presente ano letivo):

Ensino Básico (7º, 8º e 9º anos) Ensino Secundário (10º, 11º e 12º anos)

5. Desporto Federado:

Sim Não Qual? _____

Quantas vezes (por semana): _____ horas

6. Desporto Escolar:

Sim Não Qual? _____

Quantas vezes (por semana): _____ horas

7. Outra Atividade Física:

Sim Não Qual? _____

Quantas vezes (por semana): _____ horas

De seguida, pede-se que leia com atenção cada uma das afirmações abaixo, e **assinale com um (X)**, para indicar quanto cada afirmação se aplica a si. É de salientar que não existem respostas certas ou erradas. Não leve muito tempo a indicar a sua resposta em cada afirmação.

A classificação é a seguinte:

Discordo Plenamente	Discordo	Nem Discordo nem Concordo	Concordo	Concordo Plenamente
1	2	3	4	5

Eu pratico Atletismo no Desporto Escolar porque...

	Discordo Plenamente	Discordo	Nem Discordo nem Concordo	Concordo	Concordo Plenamente
1. Tenho interesse e vontade de praticar					
2. Há boas condições/instalações desportivas					
3. Tenho tempo Livre					
4. Tenho condições Financeiras					
5. Tenho equipamento Pessoal					
6. Tenho relação com Desporto Federado					
7. Tenho bons motivos de saúde					
8. Tenho gosto pelo Desporto					
9. Há possibilidade de aderir à modalidade					
10. Assim os meus pais deixam/apoiam a prática					
11. É um meio de aceder à alta competição (campeonatos)					
12. Crio hábitos desportivos					
13. O desporto é "divertido" e "alegre"					
14. Tem muitos praticantes					
15. Os horários de treino são adequados					
16. Permite a minha integração numa equipa					
17. Tenho aptidão ("jeito") para a modalidade					
18. É uma modalidade exigente					
19. Gosto dos professores/treinadores da modalidade					
20. Acho que sou bom na modalidade					
21. Gosto de me submeter ao esforço físico					
22. Tenho boa condição física					
23. Os meus amigos praticam					
24. Não tenho medo ou receio de fazer as coisas mal					
25. Sei que o desporto traz benefícios					
26. Quero mudar a minha "imagem" (ficar magro, mais musculado)					
27. A idade dos praticantes é aproximada à minha					
28. Pertenço a um grupo com o qual me identifico					
29. Há incentivos à prática desportiva por parte da minha autarquia					
30. Gosto de modalidades individuais					

Obrigado, pela sua colaboração!

